**ENTREVISTA COM Jorge Boran** (para Mestrado de Natasha – PJ Rio)

1. **O senhor foi um dos redatores do Documento 85. Acredita que ele foi aplicado totalmente na Pastoral Juvenil ou ainda precisamos dar muitos passos?**

Como estudioso da história da rica experiência de evangelização da juventude na Igreja do Brasil, tenho a impressão de que hoje passamos pela **pior crise dos últimos 60 anos**. Há várias causas da crise. Quero destacar duas: o afastamento das coordenações das bases e a desmobilização causada pela pandemia covid 19.

Como resultado, temos, hoje, a dificuldade hoje de uma geração, em muitos lugares, que **perdeu a memória sistematizada do passado, de como fazer isso.** A geração anterior não havia passada esta memória para nova geração. Falta as noções básicas

Em muitos lugares, houve **afastamento do trabalho de base,** que exige **clareza do processo** em que o jovem é protagonista da sua própria educação na fé e exige a presença de **assessores que fazem um acompanhamento sistemático** de pessoas e grupos. Essa crise também se deu pelo fato de uma rede de grupos que mantinha contato contínuo entre grupos de jovens, **rede ou pastoral da juventude orgânica e assim favorecia o acompanhamento,** o despertar do protagonismo nos jovens e formava líderes dentro de uma Igreja que celebra sua fé e sai em missão para transformar o entorno, inspirada pelo mandamento novo, **colapsou**.

Uma das dificuldades para retomar o trabalho de evangelização da juventude é a **perda da memória histórica da metodologia** que foi sistematizada no passado e que preparava o terreno para que a o trabalho de base pudesse **criar raízes e, assim resistir às tempestades** que toda a hora tentavam derrubá-lo e que o fizessem nascer e morrer num curto espaço de tempo. Neste sentido a retomada passa pelo estudo do documento 85. É equivocado pensar que se trata de um documento superado.

1. **Setor possui resistência, ainda hoje, por parte de algumas expressões juvenis. Por que em alguma dioceses é tão difícil sua implementação?**

Houve muitas interpretações equivocadas sobre a nova proposta de Setor Juventude para organizar a evangelização da juventude que criaram resistência e divisão. A proposta do Setor Juventude, é uma proposta para somar não dividir.

O **gráfico abaixo explica a proposta do Setor Juventude**:



*O documento deixa claro que* ***não se está propondo uma nova superorganização*** *que promova muitos eventos e atividades, mas a unidade de todas as forças ao redor de algumas metas e prioridades comuns.*

*As pastorais e novas expressões são as* ***Instâncias de Coordenação que acompanham os grupos na base.*** Cada um destes acompanha *sistematicamente suas bases.* O Setor Juventude, por outro lado deve ser **uma Instância de articulação que articulam alguns eventos**, metas e prioridades em comum na diocese. Portanto, **a função do Setor Juventude não é coordenar as bases e grupos das diferentes expressões,** mas sim, **articular reuniões e atividades que vão facilitar o diálogo e o trabalho em conjunto** das diferentes expressões, em nível diocesano.

 *“O trabalho em conjunto* ***deve respeitar os carismas****, mas, ao mesmo tempo,* ***estabelecer algumas linhas pastorais comuns****. Tanto as pastorais como os movimentos, novas comunidades e congregações religiosas precisam se conhecer mutuamente e, juntos,* ***encontrar seu lugar na Pastoral de Conjunto da Igreja local****, sempre em comunhão com as orientações específicas do Bispo Diocesano. Não se está propondo uma nova superorganização que promova muitos eventos e atividades, mas a unidade de todas as forças ao redor de algumas metas e prioridades comuns. Os eventos de massa são um exemplo de projetos que podem ser assumidos em comum*” (Documento 85, 182 a 183).

Concordo com a observação do **Pe. Marcos Roberto, Referencial da Juventude da arquidiocese de Maringá**: **“A Pastoral da Juventude precisará tomar consciência que ela não terá mais a hegemonia na evangelização da juventude. Não existe mais uma pastoral exclusiva para a juventude, como antes era a PJ, como resposta eclesial ÚNICA, OU AO MENOS A MAIS IMPORTANTE, frente aos trabalhos com os jovens. É imprescindível para a PJ tomar consciência que ela deverá ocupar seu espaço eclesial junto com as demais expressões juvenis. Por isso, o processo de educação na fé dos jovens precisa ser claro e aplicado com criatividade e competência. A PJ não se deu conta disso ainda... Ela fica no saudosismo do passado quando tinha todos os jovens da crisma ao seu dispor... Hoje não é mais assim”.**

1. **Na sua opinião, o Setor Juventude, hoje, está atendendo as demandas das expressões juvenis ou é necessário articular um novo modelo Pastoral para nossos jovens?**

A proposta de Setor Juventude foi implantada em quase todas as dioceses do Brasil e em nível dos regiões e em nível nacional. Creio que seja necessário uma revisão dos erros cometidos à luz para que seja mais coerente com a proposta do documento 85.

No momento estou participando de uma experiência pastoral interessante da Arquidiocese de Maringá. Segue artigo que escrevi, **PLANO DIOCESANO DE RETOMADA DO TRABALHO PASTORAL COM JOVENS A PARTIR DOS GRUPOS DE BASE,** que foi inspirado nesta experiência. O artigo responde, de maneira mais abrangente a pergunta acima. Segue em anexo o artigo.

1. **Como o senhor analisa o crescimento de jovens engajados em uma política de extrema direita na Igreja? Nos espaços dialogais do Setor Juventude qual a alternativa para tratar o atual cenário político do Brasil?**

**O problema é que houve a desconstrução de um discurso político-teológico** que formou uma geração de líderes, bispos, padres e religiosos que exercem hoje grande influência na Igreja e na vida pública**. Essa desconstrução, que afetou a PJ, pastorais populares e os movimentos apostólicos se dá pela ascensão de um discurso restauracionista, fruto saudosista de um passado pré-conciliar.** Este discurso conservador não favorece uma Igreja crítica e profética, comprometida com as causas sociais. **Nosso silêncio sobre questões estruturais e a necessidade de conversão do pecado social** acabam ajudando grupos que moldam uma nova geração de jovens que desconsideram a dimensão social da fé, e de modo especial a luta pela justiça social.

**Como resultado há o crescimento de jovens engajados em uma política de extrema direita na Igreja. Os “jovens” engajados na política numa linha libertadora, hoje são, em grande parte, de uma geração anterior.**

**As consequências para a Pastoral Vocacional e uma nova geração de padres, também, são evidentes**. O modelo de Igreja que apresentamos aos jovens têm muita importância. Se apresentamos um **modelo clerical da Igreja**, corremos o perigo de atrair para nossos seminários jovens fascinados pelo “poder sagrado” e pela possibilidade de domínio sobre um grande número de pessoas, querendo estar sempre no centro das atenções, não possuindo habilidades necessárias para se inserir no meio do Povo de Deus e trabalhar com jovens e leigos que se tornaram adultos. **Por outro lado**, se apresentamos um **modelo de Igreja Comunidade-ministerial**, uma igreja em saída e libertadora, temos mais possiblidade de atrair jovens com capacidade de dialogar com o mundo moderno, que estão dispostos a promover um estilo de liderança servidora, e, como Jesus, lavar os pés dos outros. Jovens que são atraídos pela dimensão profética da Igreja. Entendem que a opção evangélica pelos pobres não pode se limitar as causas pessoais, mas também, as causas estruturais. **Há necessidade de conversão do pecado pessoal e do pecado estrutural**. Nesta proposta, para retomada do trabalho os jovens têm como grande aliado, o nosso querido Papa Francisco.